

## A importância do conhecimento sobre Educação na formação superior em Jornalismo

The importance of knowledge about Education in Journalism Higher Education

La importancia del conocimiento sobre Educación en la educación superior en Periodismo

Recebido em: 01/04/2021

Aceito em: 01/06/2021

DOI: 10.46952/rebej.v11i28.439

### RESUMO

Esse artigo se propõe a discutir a relevância do conhecimento sobre Educação na formação superior em Jornalismo. Esse é, de fato, um conhecimento significativo que pode reverberar na atuação profissional dos jornalistas? Motivados por esse questionamento, sob a perspectiva da pesquisa qualitativa em Educação, adotamos como técnica de coleta de dados o Grupo Focal, realizado com estudantes de Jornalismo de uma universidade pública da Bahia e jornalistas egressos dessa mesma instituição de ensino, com o objetivo de compreender se e de que modo a disciplina Comunicação e Educação trouxe contribuições para a formação desses sujeitos.

### PALAVRAS-CHAVE

Educação. Comunicação. Conhecimento. Formação em Jornalismo.

### ABSTRACT

This article offers information on knowledge about education in higher education in Journalism. Is this, in fact, significant knowledge that can reverberate in the professional performance of journalists? Motivated by this questioning, from the perspective of qualitative research in education, we adopted the Focus Group as a data collection technique, carried out with Journalism students from a public university and journalists from this same educational institution in purpose to understand whether and how the Communication and Education discipline brought contributions to disciplinary training.

### KEYWORDS

Education. Communication. Knowledge. Training in Journalism.

### RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo discutir la relevancia del conocimiento sobre la educación en la formación superior en el Periodismo. ¿Es éste, de hecho, un conocimiento significativo que puede repercutir en el desempeño profesional de los periodistas? Motivados por este cuestionamiento, desde la perspectiva de la investigación cualitativa en educación, adoptamos el Grupo de Enfoque como técnica de recolección de datos, realizado con estudiantes de Periodismo de una universidad pública y periodistas de esta misma institución educativa con el fin de comprender si y cómo la disciplina de Comunicación y Educación aportó contribuciones a la formación de estos sujetos.

### PALABRAS CLAVE

Educación. Comunicación. Conocimiento. Formación en Periodismo.



### Flávia Moreira Mota e Mota

Mestre em Letras e professora de jornalismo da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

[flaviamota2@gmail.com](mailto:flaviamota2@gmail.com)

### Antônio Dias Nascimento

Doutor em Sociologia e professor de ciências humanas e do Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade da UEBA.

[andiassr@gmail.com](mailto:andiassr@gmail.com)

## 1. INTRODUÇÃO

Jornalismo e Educação possuem diversos pontos de interseção, tais como o fato de serem resultado do trabalho intelectual dos seus agentes, de serem fruto do seu tempo e também de processos históricos, de ter como premissa acompanharem as transformações socioculturais, de não serem neutros, mas serem um ato político, de serem também alvo e objeto dos desmandos dos governantes e, acima de tudo, de possuírem um potencial de transformação social.

Tanto a Educação quanto o Jornalismo são práticas sociais, cujo exercício é direito dos cidadãos previsto inclusive na Constituição Federal Brasileira (1988). Educação e Jornalismo podem tornar-se práticas emancipadoras com potencial para contribuir, cada um a seu modo, para que as pessoas sejam mais conscientes do seu papel na coletividade, na busca por uma sociedade menos injusta e menos desigual.

É possível afirmar que eles são "*irmãos*" em sua função social, que é contribuir para uma formação humana e para a emancipação dos sujeitos. Tomando como base a compreensão de Ortega y Gasset sobre Educação (ESCÁMEZ SÁNCHEZ, 2010), vemos que esta remete ao conjunto de ações humanas, intencionais e reflexivas, realizadas com vistas a fazer a realidade existente evoluir para uma realidade ideal. Esse também é mais um princípio a ser compartilhado entre as duas áreas mencionadas. Educação e Jornalismo que não levam o indivíduo a refletir, a ter uma visão crítica sobre os fatos que o cercam, que não emancipam e libertam, cumprem a mesma função de desumanização dos indivíduos.

Além do que já foi exposto, salientamos que a Educação é pauta constante do Jornalismo. Análise de indicadores, desempenho de estudantes em avaliações unificadas, exames nacionais, políticas de cotas, concessão de bolsas, programas de ingresso em instituições de ensino superior. Em muitas circunstâncias os jornalistas precisam estar preparados para interpretar e escrever sobre esses assuntos que afetam direta ou indiretamente a população. Por isso, cabe verificar o quanto os debates sobre a Educação e suas vertentes devem estar presentes nos projetos pedagógicos dos cursos de Jornalismo.

Diante de tais aspectos, o objetivo do trabalho é analisar se a disciplina Comunicação e Educação, quando ofertada no currículo do curso de Jornalismo, tem provido um conhecimento que contribua para uma formação crítica do jornalista, não apenas para escrever sobre temas referentes ao universo educacional (como os citados anteriormente), mas como elemento estruturante da formação do jornalista, especialmente em um cenário de profundas transformações do *ethos* da profissão. Para tanto, discorreremos sobre a relação entre Jornalismo e Educação, sobre a importância da produção de conteúdo jornalístico dentro dessa temática e como, muitas vezes, a ausência de um preparo técnico-reflexivo sobre e para tais questões gera defasagens na abordagem dos veículos acerca desses assuntos.

Como instrumento de coleta de dados optamos por utilizar o grupo focal, uma vez que essa técnica possui um grande potencial para a apreensão de valores, crenças, experiências e vivências de membros de um determinado grupo social (GATTI, 2005; GONDIM, 2003; SOUZA, 2020). Para esse estudo foram realizados dois grupos focais, o primeiro com estudantes de Jornalismo e o segundo com egressos do mesmo curso de uma universidade pública. Os relatos dos participantes dos grupos revelam que o

contato com a disciplina trouxe conhecimentos significativos e que cursar esse componente curricular foi relevante para promover a reflexão sobre autonomia, formação, experiência, conhecimento e aprendizado para a profissão e para a vida.

## **2. O JORNALISMO E SUA RELEVÂNCIA SOCIAL**

Não há um dia sequer em que não tenhamos contato com notícias. Desde que a imprensa foi criada e popularizada, as informações jornalísticas tem permeado nosso cotidiano intensamente, tenhamos consciência disso ou não. O discurso dos jornais pode mobilizar desde uma mudança de comportamento individual, o que Pulitzer (2009) chama de opinião privada, até a soma desses posicionamentos, também conhecida como opinião pública. O autor destaca que o jornalista age com base na opinião pública e através dela e “ela está conectada inseparavelmente ao crescimento de sua própria profissão” (PULITZER, 2009, p.61). Num contexto de grandes catástrofes ou de pandemias como o que vivenciamos em nosso tempo é ao Jornalismo que recorremos para obter as últimas informações ou mesmo instruções sobre como proceder diante de determinados fatos.

É preciso reconhecer que o Jornalismo, enquanto prática e necessidade social, parte relevante da “engrenagem” que move a sociedade, deve estar a serviço do público, contribuindo substancialmente para o fortalecimento da democracia, da vida pública e com a tomada de decisões dos cidadãos no cotidiano. Como fruto do seu tempo, essa atividade tanto interfere, quanto sofre alterações do meio no qual se insere, fato que pode ser comprovado pelas intensas transformações que as práticas de produção e difusão de notícias têm sofrido nas últimas décadas, muito em virtude das (novas) tecnologias da informação e da comunicação.

Além de conhecer e dominar as técnicas de apuração e redação das informações, o jornalista precisa ter conhecimento sobre Política, Economia, História, Cultura, Educação, enfim, os temas mais amplos e diversos que podem ser noticiáveis e, para tanto, conta com as suas fontes – documentos e pessoas – que vão conferir mais credibilidade à informação transmitida.

O Jornalismo deve ser motivado pelos interesses dos cidadãos e estar a serviço dos anseios e necessidades do público. Através dos tempos, deve perpetuar seus valores, seus propósitos e sua essência (ANTONIOLI, 2018). Nesse aspecto, vale ressaltar o quanto a liberdade de expressão e de informação e a independência editorial são essenciais nos processos democráticos e o quanto a independência financeira dos veículos é salutar para que as notícias sejam construídas com lisura e idoneidade e para que o Jornalismo consiga cumprir amplamente a sua função social. Há uma luta constante da mídia para que esse poderoso instrumento da democracia não se transforme em um mecanismo de opressão simbólica (BOURDIEU, 1997).

Jornalismo é produto, mas é também serviço. É modelo de negócios, mas é forma de conhecimento e recurso de (in)formação, integração e Educação. Na medida em que as sociedades se tornavam mais complexas, o compartilhamento de informações se fez cada vez mais necessário e urgente.

A primeira vocação jornalística é um compromisso com o tempo presente, com tentativas orientadas para situar as pessoas sobre o que se passa aqui-e-

agora. O jornalismo pode entreter e divertir, formar opiniões e juízos, exercer a crítica e fazer cobranças, mas não pode se furtar de anunciar, narrar, descrever. Deve revelar, esclarecer, permitir discernimento, mas não pode abrir mão de fazer a crônica da atualidade. Em sociedades cada vez mais complexas, entender o que se passa é um fator de sobrevivência (CHRISTOFOLETTI, 2019, p.13-14).

Uma profissão que tem pelo menos quatro séculos de existência e que ao longo desse período desenvolveu seus métodos e técnicas próprios e uma deontologia peculiar que norteia desde a seleção até a transmissão de informações para o público.

### 3. EDUCAÇÃO NO JORNALISMO PARA UM JORNALISMO DE EDUCAÇÃO

O surgimento da editoria autônoma de Educação se deu na década de 1960, em um processo lento e gradual. Até então os assuntos publicados nessas seções se restringiam a declarações oficiais de autoridades institucionais e comentários de professores, especialistas ou intelectuais da academia. Mas foi nas décadas de 1970 e 1980 que houve uma generalização das editorias com temas segmentados, muito em função da consolidação do paradigma empresarial nas redações (RATIER, 2015). Esse excesso de segmentação iniciado nos anos 70 e 80 refletiu décadas depois em uma desintegração das redações, na falta de conexão entre as pautas e na valorização de determinadas editorias em detrimento de outras temáticas. A separação de conteúdos foi marcante e assuntos como Educação, Ciência e Meio Ambiente passaram a ocupar os lugares menos nobres dos jornais, cedendo espaço principalmente para o conteúdo de Política e Economia.

Vale ressaltar que a produção de conteúdo acerca da Educação, materializada nas publicações mais proeminentes nessa vertente, eram destinadas a professores e/ou demais profissionais ligados à área. As revistas ganharam destaque nesse cenário principalmente porque contavam com o apoio do Estado para financiar suas impressões ou porque faziam parte das suas publicações oficiais. De acordo com Ratier,

A primeira publicação educacional reivindicada explicitamente como jornalística é a revista *Escola*, que circulou de 1971 a 1974. Pioneira incursão da Editora Abril no terreno dos periódicos educacionais, *Escola* visava os professores do então 1º grau, nível de ensino criado naquele mesmo ano pela ditadura militar, com a Lei 5692/71. [...] Em termos formais, Civita define *Escola* como "uma revista pedagógica com recursos de Jornalismo", produzida por jornalistas, "atraente", como as demais publicações da editora, em contraste, na sua opinião, ao "mais insistente arcaísmo" que caracterizaria as revistas pedagógicas de então (RATIER, 2015, p.42).

Embora, como mencionado no início desse tópico, as publicações nessa vertente ganhem mais força nos anos 1970-1980, a imprensa periódica especializada na área já começava a dar seus primeiros passos no fim do século XIX. Sousa e Catani (1994) apontam que os primeiros periódicos da também chamada "imprensa pedagógica" foram destinadas a especialistas e pessoas ligadas à Educação, tratando de assuntos concernentes à cultura escolar, História da Educação, práticas escolares e ensino específico de disciplinas, entre outros. Essa imprensa especializada começa a se estruturar no Brasil (de forma mais proeminente na região Sudeste) concomitantemente à

criação e organização de grupos da categoria do magistério que “naquele momento, buscava articular sua luta pela valorização da profissão, condições de trabalho, qualidade do ensino, reivindicações salariais e aperfeiçoamento do sistema” (SOUSA; CATANI, 1994, p.179).

Com base nos trabalhos de Sousa e Catani (idem) e Catani (1996), apresentamos a tabela abaixo (Tabela 1) que mostra sinteticamente as principais produções na área da imprensa educacional do século XIX até a primeira metade do século XX<sup>1</sup>:

Tabela 1: Exemplos de periódicos da Imprensa Educacional que circularam no fim do século XIX até meados do século XX

<b>Publicação</b>	<b>Período</b>	<b>Principais Características</b>
A escola Pública	1893-1897	Editada por iniciativa de um grupo de professores e em alguns momentos conta com o apoio do Estado;
Revista do Jardim de Infância	1896-1897	Tinha como foco divulgar materiais e métodos de ensino pré-escolar utilizados no Jardim de Infância anexo à Escola Normal; a revista tinha como editor Gabriel Prestes;
Revista de Ensino	1902-1918	Publicação da Associação Beneficente de Professorado Público de São Paulo; Durante a maior parte da sua existência foi subsidiada pelo Estado;
Revista Escolar	1925-1927	Revista vinculada à Diretoria Geral de Instrução Pública;
Revista Educação	1927-1961	Publicação da Diretoria Geral do Ensino (posteriormente Secretaria de Educação). Essa revista foi editada por um período com o título “Escola Nova”.

Fonte: SOUSA; CATANI, 1994. CATANI (1996).

Conforme destacam ainda as autoras, outros títulos foram publicados no período, contudo tiveram tiragens menores e/ou duração mais curta em seu período de circulação.

Embora a imprensa educacional ou pedagógica tenha trilhado seu percurso no Jornalismo, admite-se que alguns assuntos sempre tiveram posição de destaque nas

<sup>1</sup> Não é minha intenção nessa pesquisa estabelecer um estudo aprofundado sobre a imprensa de Educação no Brasil. As publicações que menciono aqui tem como objetivo mostrar sinteticamente as características e o perfil do Jornalismo de Educação no início da sua trajetória.

publicações em detrimento de outros que acabaram ocupando um lugar (em espaço e em privilégios) com muito menos prestígio.

Mas não é por falta de interesse do público que isso acontece. Em 2018 a Associação de Jornalistas de Educação (Jeduca) encomendou uma pesquisa ao Datafolha sobre o interesse em Jornalismo Educativo no Brasil. Entre os dias 12 e 16 de junho do mesmo ano foram ouvidas 2.084 pessoas de 129 municípios de todas as regiões do país e, do total de entrevistados, 80% revelaram estar interessados em matérias sobre Educação. Embora esse número seja considerável, nem sempre demonstrar interesse significa que o público de fato vai acessar voluntariamente esse tipo de conteúdo. Conforme explica o jornalista Antônio Gois,

A pesquisa detectou que, apesar de haver valorização do tema, isso não significa que o público esteja consumindo vorazmente o conteúdo produzido. A tendência é que a pessoa se afaste da reportagem se ela sentir que o tema está longe da vida dela. Se a matéria não diz respeito à escola que atende à sua família, por exemplo, o interesse diminui (GOIS, 2018, s/p)<sup>2</sup>.

Essa postura do público identificada por Gois corresponde a um critério adotado na produção jornalística que é a proximidade. Todos nós temos a tendência de buscar e demonstrar naturalmente mais interesse pela divulgação de fatos que acontecem em nosso entorno e que vão afetar de maneira mais incisiva nosso cotidiano.

Além da proximidade, o nível de compreensão do público também vai interferir no acesso a notícias sobre Educação. Para que a informação sobre essa temática tenha um amplo alcance, o jornalista não deve supor que seu público conheça todas as expressões descritas no texto. Citando mais uma vez Gois (2018), é possível afirmar que explicar jargões próprios da Educação, por exemplo, pode contribuir para aproximar o leitor, ouvinte ou telespectador para a reportagem.

Desse modo, cabe avaliar se, para que isso aconteça, uma maior aproximação do jornalista do universo da Educação é determinante para que ele obtenha mais conhecimento sobre esse universo segmentado. Isso implica dizer que uma maior qualidade nas publicações sobre Educação seria alcançada se houvesse uma preocupação nesse aspecto no ensino de Jornalismo. Nesse sentido, concordamos com Ratier ao afirmar que

Nas graduações em jornalismo não encontramos disciplinas ou cursos específicos sobre educação. Em nosso *survey*, 99% dos jornalistas disseram não ter tido acesso a nenhuma formação em jornalismo de educação durante a faculdade, o que comprova a virtual ausência do assunto na formação inicial. Mesmo em nível de pós-graduação, onde alguns cursos na modalidade *lato sensu* abordavam o assunto, não existe atualmente nenhum curso oferecido, segundo sondagem na internet com as palavras de busca "jornalismo de/em/e educação", "jornalismo educacional" e "jornalismo educativo". A ausência da rubrica na educação formal pode ser considerado um dos mais fortes indicadores de sua baixa institucionalização (RATIER, 2015, p.46-47).

---

<sup>2</sup> Informações extraídas da notícia "80% dos brasileiros dizem ter interesse por matérias de Educação", publicada em 02/08/2018 no site da Associação JEDUCA. Disponível em <<https://jeduca.org.br/texto/80-dos-brasileiros-dizem-ter-interesse-por-materias-de-educacao>>. Acesso em: 03 mar. 2020.



Historicamente os cursos de Jornalismo se dedicam a ensinar e discutir política e economia, muito em função destas serem as editorias de maior proeminência na mídia, cujos repórteres e comentaristas sempre alcançam certa notoriedade. Desse modo, a Educação enquanto temática a ser pautada e enquanto conhecimento significativo ficou relegada a segundo plano.

Embora o foco da discussão aqui empreendida seja o conhecimento sobre Educação e sua importância nas graduações em Jornalismo, tanto como elemento estruturante dessa formação como instrumento de capacitação para a produção de conteúdo noticioso, vale ressaltar que os desafios e limitações que destacamos podem ser encontrados no Jornalismo como um todo, em outras especialidades tais como Jornalismo e Saúde, Jornalismo Científico, Jornalismo Cultural etc. Entretanto, como mencionado anteriormente, nesse artigo optamos por voltar o nosso olhar especificamente para a área da Educação.

No contexto atual, é possível identificar um perfil dos jornalistas que atuam na cobertura dessa temática. A Jeduca realizou, em 2019, um levantamento das características desses profissionais a partir do seu quadro de filiados. A pesquisa mostrou que a maior parte dos jornalistas que cobrem essa temática é composta por:

Mulheres, jovens até 40 anos, moradoras do Estado de São Paulo, com especialização, que produzem conteúdo informativo na área da educação para o público há cerca de dez anos, trabalham ou não na mídia tradicional ou em instituição do terceiro setor e têm renda média de até sete salários mínimos. São sobretudo repórter (ou com cargos correlatos, como redatoras ou produtoras) ou então analistas/coordenadoras de comunicação. [...] Esse é, portanto, o perfil dos filiados da Associação de Jornalistas de educação, cuja representatividade nos permite afirmar que esse padrão se aproximaria do que seria o jornalista que cobre educação no Brasil. (JEDUCA, 2019)

60

Além de delinear esse perfil, a pesquisa desenvolvida pela Associação mostra que a maior parte dos jornalistas que atua na cobertura sobre Educação não possui formação nessa área e que os assuntos predominantemente pautados são o acompanhamento de ações governamentais, formação e contratação de professores, temas que incluem análises de bases de dados. No Brasil, as pautas mais comuns para os jornalistas que cobrem Educação são as seguintes: vestibulares e Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), volta às aulas e reajuste das mensalidades, greves, indicadores educacionais e troca de ministros da Educação<sup>3</sup>. Nessas coberturas, se sobressaem as vozes das chamadas fontes oficiais, como governantes, especialistas e gestores escolares. Ou seja, até quando se trata de Educação, estamos falando de política.

---

<sup>3</sup> Informações obtidas no minicurso intitulado “Como cobrir Educação: escola, pandemia e Bolsonaro”, ministrado por Paulo Saldaña (Folha de S. Paulo), Thais Borges (Correio/BA) e Renata Cafardo (Estado/Jeduca), realizado no dia 11 de setembro durante o 15º Congresso Internacional de Jornalismo Investigativo da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI). Disponível em: <<https://congresso.me/eventos/congressoabraji/palestras/2020-09-11/como-cobrir-educacao-escola-pandemia-e-bolsonaro-renata-cafardo-mediadora-estado-jeduca-paulo-saldana-folha-de-s-paulo-brasilia-e-thais-borges-correio-bahia>>. Acesso em: 16 set. 2020.

É necessário ponderar que a divulgação de informações sobre eventos e atividades da Educação é muito importante para a sociedade, mas o Jornalismo especializado na área não pode se restringir a um calendário de exames nacionais e de financiamentos. Uma boa cobertura sobre essa temática deve qualificar o debate entre agentes envolvidos nos processos de Educação formal e a sociedade. Por isso, mais uma vez, é preciso destacar a importância da formação para o trabalho intelectual dos jornalistas, uma vez que, abordando de forma mais contundente a Educação e sua relevância para a sociedade, seja nos componentes curriculares obrigatórios ou em temáticas transversais, teremos coberturas mais relevantes sobre esse tema.

Meditich (2007) chama a atenção para o fato de que, no limite, o cliente dos cursos de Jornalismo é o público, afinal, toda a sociedade ganha se tivermos jornalistas com uma formação de qualidade.

### 4. METODOLOGIA E ANÁLISE

Esta é uma pesquisa de abordagem qualitativa, cujo foco não está em uma representatividade numérica, mas no aprofundamento da compreensão da dinâmica social. Há uma preocupação maior com as diversas facetas que os mais diferentes grupos sociais podem assumir em sua realidade. Lüdke e André (1986, p.13) explicam que a pesquisa qualitativa envolve a "obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes".

Nessa perspectiva, adotamos o grupo focal (GF) como técnica de coleta de dados, o qual tem como objetivo, a partir da reunião de um grupo específico de pessoas obter informações sobre uma temática sugerida pelo pesquisador. O GF tem sido adotado em diferentes setores da sociedade, como nos explica Gondim (2003, p.160):

Na escola são uma ferramenta útil para os trabalhos com grupos de pais, professores e estudantes. Em organizações formais auxiliam na introdução de programas, na tomada de decisões, na aprendizagem organizacional, no diagnóstico e avaliação da qualidade de serviços, assim como na geração de novas ideias. No setor de saúde viabilizam a abordagem de grupos segmentados [...] e a difusão de informações para a população carente. Na política vem dando sua contribuição para a avaliação da opinião de eleitores e estudo do comportamento político. [...] Na atuação junto a comunidades os grupos focais estão auxiliando na compreensão dos grupos sociais desfavorecidos e nas ações comunitárias.

De acordo com Gatti (2005), entre as potencialidades do GF estão: a possibilidade de o pesquisador obter uma boa quantidade de informações em um período mais curto, além da multiplicidade de posicionamentos, pontos de vista e representações que podem emergir a partir da interação entre os participantes. Segundo a autora,

O trabalho com grupos focais permite compreender processos de construção da realidade por determinados grupos sociais, compreender práticas cotidianas, ações e reações a fatos e eventos, comportamentos e atitudes, constituindo-se uma técnica importante para o conhecimento das representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e



simbologias prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que partilham alguns traços em comum, relevantes para o estudo do problema visado (GATTI, 2005, p.11).

No GF os participantes têm a oportunidade de interagir entre si e, ao mesmo tempo em que expõem suas opiniões, demonstram (de forma consciente ou não) os princípios dos quais comungam. Corroborando o que foi exposto acima, Souza (2020, p.4) afirma que

Um recurso importante do GF é o conhecimento que fornece sobre a forma como determinados grupos verbalizam seus valores, experiências, crenças, formas de comunicação e de interação. O debate provê dados sobre como membros típicos de um determinado grupo cultural geralmente lidam com impasses e discordâncias.

Como toda técnica de coleta de dados, o GF possui potencialidades e limitações. Gatti (2005, p.67) explica que a realização de um grupo gera dados de natureza complexa, sobre os quais o pesquisador tem um controle menor do que em outros tipos de pesquisa. Além disso, ressalta a autora, é preciso ter cautela ao considerar o grau de representatividade de um grupo focal, tendo em vista que os participantes “estão se expressando num contexto específico, em interações que são próprias daquele conjunto de participantes”. Contudo, tais limitações não desfavorecem a aplicação do GF, desde que realizado de acordo com os objetivos e critérios pré-estabelecidos na pesquisa.

Na questão de “quando utilizar” essa técnica, Gatti (idem, p.14) determina sua utilidade “quando se está interessado em compreender as diferenças existentes em perspectivas, ideias, sentimentos [...] de grupos diferenciados de pessoas, bem como compreender os fatores que os influenciam”. A partir dessa compreensão, optamos por adotar o GF como técnica de coleta de dados.

Com o objetivo de compreender se a Educação é um conhecimento significativo na formação superior em Jornalismo, realizamos dois grupos focais<sup>4</sup>: o primeiro no dia 22 de março de 2021, com sete estudantes do curso de Jornalismo de uma universidade pública da Bahia e o segundo no dia 23 de março, com cinco jornalistas egressos dessa mesma instituição<sup>5</sup>. Tendo em vista o contexto de isolamento social diante da pandemia de Covid-19 que ainda estamos vivenciando, os dois GFs foram realizados virtualmente, utilizando a plataforma Google Meet e tiveram duração de aproximadamente uma hora.

A intenção de formar dois grupos foi contrapor os pontos de vista daqueles que ainda estão com sua formação em processo e aqueles que, uma vez graduados, encontram-se no mercado de trabalho e podem experienciar (ou não) os reflexos da obtenção de conteúdos referentes à área em questão. Um ponto em comum uniu os dois grupos: terem cursado a disciplina Comunicação e Educação em algum período letivo na graduação.

---

<sup>4</sup> Observando os aspectos éticos da pesquisa, os participantes dos GFs não tiveram suas identidades expostas no texto e algumas falas e/ou expressões que pudessem identificá-los foram suprimidas na redação do artigo.

<sup>5</sup> A diferença no número de participantes do grupo de jornalistas se deu em virtude da desistência de participantes.

Após apresentação dos objetivos da pesquisa, os participantes foram questionados sobre a importância do componente curricular Comunicação e Educação no currículo do curso de Jornalismo (pergunta 1). Nesse aspecto, tanto o grupo de estudantes quanto o de jornalistas destacaram a relevância da disciplina na graduação. Importante notar que, as falas dos estudantes e dos jornalistas destacam a importância da temática Educação muito mais como um elemento estruturante da formação do que uma mera capacitação técnica para produzir notícias sobre o assunto:

**Estudante 5:** Essa disciplina foi o único momento do curso em que tivemos a possibilidade de pensar a nossa própria formação. Não só a formação acadêmica, mas a formação escolar, que compreende tudo que a gente viveu e não viveu e a ideia de que essa formação é continuada. Nós vamos finalizar o curso, mas vamos levar essas experiências para o campo profissional. Então, pra mim Comunicação e Educação são totalmente dependentes uma da outra.

**Estudante 7:** Essa disciplina reforçou muito a ideia de refletir e ter autonomia na nossa própria formação. E eu acredito que isso está ligado muito ao Jornalismo também.

**Jornalista 1:** Eu acredito que a Educação é um tema com o qual vamos precisar trabalhar constantemente na nossa profissão. Quem estiver em assessoria, rádio, Tv, educativa ou comercial, ainda mais se for uma emissora educativa, vai ter que tratar disso sempre. Então, acredito que essa disciplina é importante porque vamos nos deparar com essa temática durante toda a nossa vida profissional.

**Jornalista 2:** Acredito que todos os cursos possíveis deveriam ter alguma disciplina que dialogasse com Educação de alguma forma. Ter uma disciplina como Comunicação e Educação me ajudou a não enxergar só teorias, sobre o fazer jornalístico ou aprender técnicas, mas também pensar sobre a nossa própria formação. Esse foi o maior ganho que a disciplina me trouxe e eu vejo os reflexos disso até hoje. Inclusive eu já pensei em trabalhar com Educomunicação muito em virtude dessa disciplina.

**Jornalista 3:** O Jornalismo também faz parte de um processo educativo para o outro. Nós estamos nesse processo de constante formação, nos formando e ao mesmo tempo contribuindo para a formação dos outros. Compreender isso é muito importante quando a gente vem para o mercado de trabalho, no nosso fazer jornalístico. A disciplina foi importante para compreender que o processo educativo vai muito além do quadro e das quatro paredes da sala de aula.

Diante desse questionamento inicial, os participantes da pesquisa foram unânimes ao ressaltar como uma disciplina que aborda um conteúdo sobre Educação é relevante para o ensino de Jornalismo, principalmente porque – a partir da abordagem adotada em sala de aula – ela pode dar ao estudante mais autonomia e senso crítico sobre si mesmo e sua própria formação (como foi evidenciado nas falas da maioria dos participantes). Nessa perspectiva, podemos considerar que

A ação educativa que se realiza como aprendizagem é mais complexa e compreende a essência da comunicação. Exige a participação plena e a intercomunicação freqüente entre os diversos parceiros do processo. Todos devem estar envolvidos no mesmo desejo de avançar no conhecimento, ou seja, se transmutar, ser diferente. Ser melhor não apenas pelas aquisições cognitivas, **mas pela formação ampla da pessoa em termos de valores, comportamentos individuais e sociais, capacidade crítica e autonomia para pensar**

**e agir.** Essa necessidade educacional é inerente ao ser e se apresenta em todos os seus momentos vivenciais, independente da escolarização (KENSKI, 2008, p.651, destaque nosso).

Tal autonomia permite que os estudantes se tornem protagonistas da sua trajetória na academia, rompendo com os modelos tradicionais de ensino nos quais o professor é detentor de todo o conhecimento e o transmite para os alunos que estão ali somente para absorver o conteúdo transmitido pragmaticamente. Esses são tempos de uma intensa ressignificação dos modos de ensinar-aprender:

No âmbito da educação, o sistema educacional está em crise e em transição para uma versão particular que não se baseia em modelos pré-definidos. O formato educacional emergente é um processo ainda em aberto e desafiador. Novas composições, flexíveis e capazes de atualizações constantes, são necessárias de acordo com os níveis de desenvolvimento, estruturas sociais e trajetórias culturais de cada grupo. As instituições educacionais – como instituições sociais – não se acabam ou perdem seu sentido, elas se atualizam. No momento atual nós vemos a crise do atual modelo e a exigência – pela necessidade e pelo desejo de aprender de forma contínua e permanente – de oferecimento de educação para uma sociedade em constante mudança (KENSKI, 2008, p.662).

Para reforçar esse ponto, mencionamos ainda Freire (1996, p.24-25) ao afirmar que

Outro saber necessário à prática educativa [...] **é o que fala do respeito devido à autonomia do ser educando.** Do educando criança, jovem ou adulto. Como educador, devo estar constantemente advertido a este respeito, que implica igualmente o que devo ter por mim mesmo. [...] O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder aos outros (negritos no original).

64

O segundo questionamento apresentado aos participantes foi “quais conhecimentos oriundos dessa disciplina foram mais significativos para a sua formação”. Nesse sentido, destacamos os seguintes posicionamentos:

**Estudante 1:** Comunicação e Educação contribuiu pra o nosso amadurecimento, para o desenvolvimento da nossa autonomia. Ela foi importante *pra* aprendermos a pesquisar, buscar informações e ter condições de escrever sobre qualquer outra assunto como história ou sociologia por exemplo. Isso porque a partir dessa disciplina nós fomos estimulados a pesquisar, a desenvolver essa busca pelas informações.

**Estudante 2:** A disciplina me ajudou muito a refletir sobre a relação entre Comunicação, Jornalismo e Educação. Quando eu penso em Educação no Jornalismo eu me lembro muito da escola e do quanto o Jornalismo precisa estar dentro do ambiente escolar. Quando eu olho pra o contexto de fakenews, de falta de senso crítico, especialmente na escola pública, não tem como enxergar Educação e Jornalismo como áreas separadas.

**Estudante 5:** Esse foi um momento de um “*cair em si*”, pra perceber “eu estou fazendo Jornalismo”. Nessa disciplina tivemos contato com um material teórico que não tínhamos em outras [disciplinas] e todo esse conhecimento nos ajudou a nos darmos conta de que para além de sermos jornalistas nós somos seres sociais imersos em uma coletividade e que temos esse papel importante

de mediação, de apuração e informação, que constrói a realidade de outras pessoas.

**Jornalista 3:** A disciplina influenciou muito a minha maneira de lidar com a universidade, de compreender e questionar as coisas e me questionar nesse processo. Inclusive, no meu trabalho de conclusão de curso eu utilizei muitos textos que foram trabalhados em Comunicação e Educação, então, eu percebo que a disciplina realmente trouxe muitos reflexos na minha formação. A minha visão sobre Jornalismo hoje, meu desejo de mudar o Jornalismo local e de me tornar uma jornalista melhor tem muito a ver com o que eu aprendi na matéria.

**Jornalista 5:** A maneira como a disciplina foi estruturada deu a oportunidade *pra* discutirmos de maneira muito singular a forma como cada um aprendia, se posicionava e percebia sua trajetória no curso. Então, aprendemos que todas as experiências culminam na forma como você aprende/ensina e repassa as informações para outras pessoas e isso, pra mim, fez toda a diferença.

Nessa questão, mais do que conhecimentos técnicos, estudantes e jornalistas salientaram que os conhecimentos oriundos da disciplina Comunicação e Educação impactaram na maneira como enxergavam a si mesmos, a sua experiência enquanto discente e a carreira como jornalistas. Tanto no grupo de discentes como no de profissionais foi abordada a questão de como os alunos são instigados a pensar sobre a forma com que “aprenderam a aprender” e como isso se torna significativo no processo de construção e apreensão do conhecimento. Nesse sentido, concordamos com Freire (1996, p.28) ao destacar que

[...] aí radica a nossa educabilidade bem como a nossa inserção num permanente movimento de busca em que, curiosos e indagadores, não apenas nos damos conta das coisas, mas também delas podemos ter um conhecimento cabal. A capacidade de aprender, não apenas para nos adaptar, mas sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a, fala de nossa educabilidade a um nível distinto do nível do adestramento dos outros animais ou do cultivo das plantas. A nossa capacidade de aprender, de que decorre a de ensinar, sugere ou, mais do que isso, implica a nossa habilidade de **aprender** a substantividade do objeto aprendido (negrito no original).

Assim como na primeira questão, não foram observados pontos divergentes entre os respondentes, mas todos compartilharam experiências semelhantes fruto do contato com o componente curricular em questão.

Por fim, estudantes e jornalistas foram questionados como, em termos práticos, esses conhecimentos seriam aplicados na profissão. Entre os relatos, destacamos os seguintes:

**Estudante 2:** Se eu fosse fazer uma pauta sobre Educação hoje eu teria muito mais senso crítico. Por exemplo, hoje eu sei que uma pauta sobre falta de merenda [escolar] não é só sobre falta de merenda, mas como um possível desvio de verba pública, enfim, é algo que está em um plano maior do que o fato em si mesmo.

**Estudante 5:** Eu acho que todo o conhecimento que eu obtive na matéria caminharia para a construção de uma pauta mais humanizada, porque a gente aprende a olhar para si e para o outro, olhar para a sua fonte e reconhecer que ali há um ser humano, um sujeito social em sua diversidade de formação.

**Estudante 6:** se eu tivesse uma pauta de Educação em mãos hoje eu atentaria muito para essa questão da humanização. Eu acho que a experiência da disciplina me ajudou a enxergar a Educação de uma forma diferente.

**Jornalista 1:** Eu acho que toda essa discussão sobre o processo formativo foi extremamente válida, foi importantíssimo refletir sobre isso no curso. Mas, nesse meu pouco tempo trabalhando na área, eu senti falta de um conhecimento mais prático, dos assuntos de Educação que são pautados no Jornalismo, como por exemplo o sistema de cotas, o Enem, as bolsas nas instituições públicas, as aulas on-line.

**Jornalista 3:** Eu percebo que a minha formação afeta muito o meu trabalho. O fato de ter estudado experiência e formação me ajudam a compreender melhor muitas questões com as quais eu me deparo todos os dias. Tudo que eu aprendi na disciplina me ajuda a ter uma reflexão muito mais ampla em todas as matérias que eu escrevo, por isso eu acho que esse foi um diferencial na maneira como eu vejo minha área de atuação no Jornalismo.

**Jornalista 2:** A experiência da disciplina reflete na maneira como a cobertura de educação se torna mais sensível, nos ajuda a saber que a Educação não se restringe à sala de aula, mas está em todas as relações que se estabelecem dentro e fora do ambiente escolar. O Jornalismo é muito de seleção, então desde a forma como vamos pautar os assuntos que serão tratados até a relação com as fontes, tudo é afetado por essa sensibilidade do olhar do jornalista.

**Jornalista 5:** Nós estamos em constante contato com a Educação em nosso dia a dia e ter cursado uma disciplina como essa nos ajuda a ter um olhar mais cuidadoso na abordagem desses temas. A partir do momento que pegamos essa disciplina, ganhamos uma bagagem maior pra pensar essas nuances e ferramentas para aplicar nas pautas sobre essa temática [Educação].

66

Esse foi o único momento em que se percebeu uma discordância entre as opiniões dos componentes, especificamente do grupo de jornalistas: quando o jornalista 1 aponta a necessidade da abordagem de assuntos mais práticos ligados ao tema, os quais estão presentes no cotidiano da profissão. Nas demais respostas é possível observar que os integrantes apontam reflexos positivos na disciplina, tanto na possibilidade de repensar a própria formação quanto na perspectiva de encarar o próprio trabalho de maneira mais sensível e humanizada.

É válido destacar que a experiência dos respondentes é fruto de como o(a) docente responsável por esse componente curricular opta por aplicar a ementa. As escolhas didático-pedagógicas privilegiaram determinados conhecimentos, teorias e métodos em detrimento de outros. Como foi apontado no grupo focal de jornalistas por dois participantes, "talvez, se essa disciplina fosse ministrada por outro professor, ela seria completamente diferente" (**jornalista 2**). Essa consideração se deve ao fato de que não ensinamos apenas o que sabemos, mas ensinamos o que somos e a construção do nosso lecionar diz muito sobre nós mesmos e a forma como enxergamos o mundo.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma formação crítica e reflexiva em Jornalismo não preconiza apenas o ensino das técnicas de apuração e redação das notícias, mas ensina a pensar sobre elas, a refletir o que fazer com essas competências (MEDITSCH, 2007, p.56).

Refletir sobre a Educação e seus processos deve ser uma realidade nos cursos de Jornalismo, não somente porque esta é uma pauta recorrente na produção de notícias, mas porque, para além dos documentos e dos ambientes formais de ensino, a Educação é um processo histórico e está presente em nosso cotidiano, na relação com o(s) Outro(s), na comunidade, na vida em coletividade. Essa reflexão deve estar presente no cotidiano do jornalista, na sensibilidade na escolha dos assuntos a serem noticiados e na relação com as fontes, um exercício contínuo que deve ser incentivado desde o ingresso dos alunos na graduação.

Como exposto nas primeiras linhas desse trabalho, nosso objetivo foi investigar se a disciplina Comunicação e Educação, quando ofertada no currículo do curso de Jornalismo, poderia gerar um conhecimento que fosse significativo e que contribuísse para uma formação crítica dos educandos. Diante dos relatos dos participantes dos grupos focais que foram descritos no item anterior, podemos responder assertivamente a essa questão, uma vez que os participantes foram praticamente unânimes ao destacar as contribuições desse componente curricular, tais como ajudar os alunos a terem mais autonomia e uma postura mais crítico-reflexiva sobre si mesmos e a sua própria formação.

Não é possível afirmar que todas as disciplinas de Comunicação e Educação ou suas variantes em nomenclatura, quando ofertadas na graduação em Jornalismo produzirão os mesmos resultados aqui apresentados, já que a própria natureza do grupo focal é lidar com amostragens mais reduzidas, com representações de determinado grupo social. Contudo, podemos inferir a partir desse estudo, tanto em seu aspecto teórico quando nos relatos descritos, que a presença dessa disciplina pode trazer contribuições muito significativas para a formação de jornalistas, seja no aspecto da capacitação para a produção de conteúdo noticioso nessa área ou no sentido de ser um elemento estruturante dessa formação. Além disso, pode contribuir para o fortalecimento do debate sobre Educação na mídia e na sociedade.

67

## REFERÊNCIAS

ANTONIOLI, Maria Elisabete. **Jornalista profissional**: novas competências para o egresso do bacharelado em Jornalismo. IN: PINHEIRO, Elton Bruno; VARÃO, Rafiza; BARCELLOS, Zanei (org). Práticas e tensionamentos contemporâneos no ensino de Jornalismo – Brasília: Universidade de Brasília, Faculdade de Comunicação, 2018.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/ConstituicaoCompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/ConstituicaoCompilado.htm)>. Acesso em: 02 jun. 2021.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**: seguido de A influência do jornalismo e Os Jogos Olímpicos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

CATANI, Denice Barbara. **A imprensa periódica educacional**: as revistas de ensino e o estudo do campo educacional. Educação e Filosofia, v.10, n.20, p.115-130, 1996. Disponível em <<http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/928/842>>. Acesso em: 04 mar. 2020.



CHRISTOFOLETTI, Rogério. **A crise do Jornalismo tem solução?** Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2019.

ESCÁMEZ SÁNCHEZ, Juan. **Ortega y Gasset**. Trad: José Gabriel Perissé Madureira. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

GOIS, Antônio. **80% dos brasileiros dizem ter interesse por matérias de educação**. JE-DUCA (On Line), 02/08/2012. Disponível em: <<https://jeduca.org.br/texto/80-dos-brasileiros-dizem-ter-interesse-por-materias-de-educacao>>. Acesso em: 02 jun. 2021.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. **Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos**. Paidéia. Ribeirão Preto, vol.12 n.24, 2003, p.149-161. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-863X2002000300004](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2002000300004)>. Acesso em: 15 jan. 2021.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e comunicação**: interconexões e convergências. Educ. Soc., Campinas, vol. 29, n. 104 - Especial, p. 647-665, out. 2008. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302008000300002](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302008000300002)>. Acesso em: 25 mar. 2021.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MEDITSCH, Eduardo. Novas e velhas tendências: os dilemas do ensino de jornalismo na sociedade da informação. **REBEJ – Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, Brasília, v.1, n.1, p.41-62, abr./jul. 2007.

PULITZER, Joseph. **A escola de jornalismo na universidade de Columbia** – o poder da opinião pública. Florianópolis: Insular, 2009.

RATIER, Rodrigo Pelegrini. **Jornalismo e Jornalistas de Educação no Brasil**: um olhar multifocal sobre história, estrutura, agentes e sentidos. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo – USP, 2015.

SOUSA, Cynthia Pereira de; CATANI, Denice Barbara. A imprensa periódica educacional e as fontes para a história da cultura escolar brasileira. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, SP, v.37, p.177-183, 1994. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/71310/74315>>. Acesso em: 04 mar. 2020.

SOUZA, Luciana Karine. **Recomendações para o uso de grupos focais na pesquisa qualitativa**. PSI UNISC. Santa Cruz do Sul, v.4, n.1, p.52-66, 2020. Disponível em <<https://online.unisc.br/seer/index.php/psi/article/view/13500/8617>>. Acesso em: 15 jan. 2021.